



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

ANNA GABRIELLE MEDEIROS FIRME

BRENA CANTO BASTOS

**GRITOS SILENCIOSOS, PICHAÇÕES E VISUALIDADES NO COLÉGIO
AMAPAENSE**

MACAPÁ

2015



ANNA GABRIELLE MEDEIROS FIRME

BRENA CANTO BASTOS

**GRITOS SILENCIOSOS, PICHACÕES E VISUALIDADES NO COLÉGIO
AMAPAENSE**

Monografia, apresentada Universidade Federal do Amapá - UNIFAP como requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em Artes Visuais, sob a orientação do Prof. José de Vasconcelos.

MACAPÁ

2015



Universidade Federal do Amapá
Curso de Licenciatura Plenas em Artes Visuais

Anna Gabrielle Medeiros Firme

Brena Canto Bastos

**GRITOS SILENCIOSOS, PICHAÇÕES E VISUALIDADES NO COLÉGIO
AMAPAENSE**

Avaliado em: ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Espc. José de Vasconcelos Silva – Orientador/UNIFAP

Prof. Msc. Silvia Carla Marques Costa – Avaliadora/UNIFAP

Prof. Msc. Mauricio Remígio Viana – Avaliador/UNIFAP

Janeiro

2015

RESUMO

A presente monografia trata sobre o grafismo e a pichação dentro do Colégio Amapaense fazendo a relação com os conteúdos programáticos na sala de aula da Secretária de Estado da Educação (SEED). No primeiro capítulo trazemos um levantamento sobre o histórico da pichação no Brasil, esclarecendo os caminhos percorridos, as influências dessa prática artística onde muitos são colocados como vanguardas e/ou uma prática marginal. No segundo momento traçamos sobre a cultura visual e a influência da visualidade na arte de hoje e no ensino contemporâneo de arte. Visamos fazer um levantamento dos capítulos com os principais autores que tratam sobre a pichação, por último abordamos a leitura visual, observando as práticas e a visualidade dentro do Colégio Amapaense, e como é a reação da comunidade, sendo ela professores e alunos, através de entrevistas, observações e conversas que tivemos a partir do Estágio I e finalizando com o Estágio II.

INTRODUÇÃO

O tema foi escolhido no período do Estágio I, quando vivenciamos experiências com o ensino médio do Colégio Amapaense. Passamos um mês observando a relação dos alunos e funcionários com as pichações nas paredes, nos banheiros e no elevador, e pudemos ver que quase todos convivem diariamente com as pichações; acabaram virando rabiscos, sem que lhes deem atenção. Tendo isso em mente gostaríamos de trazer à tona a ideia de que a pichação pode ser levada para as salas de aula de uma forma pedagógica, que a leve a ser melhor compreendida, especialmente por aqueles que interagem com suas formas diariamente. Trabalhamos com a pesquisa exploratória, onde buscamos uma preparação para essa experiência que foi trabalhada através da pesquisa bibliográfica e estudo de caso que se caracterizou diretamente por entrevistas e pelas visitas através do Estágio Supervisionado I e II.

A arte é uma produção humana, ela é uma prática social, que exprime sua contemporaneidade. Muitas vezes para entender uma obra contemporânea, faz-se necessário compreender o contexto histórico, social, econômico e político em que ela foi criada, e que determinam a visão de mundo do artista. A arte representa a vida do artista e o mundo em que ele vive sendo produto de uma situação histórica e de um tipo de sociedade. (MARTINS, 1998, p. 46)

Com a presente monografia temos por objetivo demonstrar o fenômeno da pichação, que remonta tempos imemoriais, buscando a ideia de que a pichação pode ser levada para sala de aula. Temos o intuito de expor suas dimensões quanto linguagem artística, que não precisa estar limitada somente reproduções e releituras. Para isso nos baseamos principalmente nas visitas ao Colégio Amapaense em Macapá, Amapá, onde observamos o ambiente escolar e suas dinâmicas.

Ter suportes além de tela, tintas, papel e afins é importante para o desenvolvimento do aluno na aula de artes visuais. Com a chegada do ensino contemporâneo nas salas, utilizar materiais além dos ditos “tradicionais” não apenas é uma forma criativa de ensinar como ajuda o aluno a ter iniciativa de fazer suas próprias obras, e com isso ele acaba aprendendo técnicas de aprendizado. Muitos alunos do ensino médio preferem a prática à teoria; o ensino da arte contemporânea busca a

exploração dessa parte teórica, e faz com que o aluno se interesse pelos assuntos que o professor repassa em sala de aula.

Problematizar as pichações das salas, dos corredores e dos banheiros parece ser um quase tabu para alguns professores, de tal maneira que o assunto passa a ser ignorado. A visualidade na sala de aula é significativa. Basta que se olhe para o lado para que se perceba algo que possa, eventualmente, ser utilizado nas aulas de arte.

Uma das maneiras de se fazer uma conexão dos alunos com a arte contemporânea é buscar entre eles suas próprias percepções, em suas distintas visualidades artísticas. Ter como base um conteúdo programático que explore as dimensões artísticas dos alunos é um dos primeiros passos para que eles possam compreender suas expressões como manifestações de arte. No amplo espaço da escola os alunos têm a oportunidade de vivenciar diversos tipos de experiências, interagir e criar vínculos que os ajudam a compreender e significar o mundo.

Aproveitar a linguagem artística contemporânea dos alunos é problematizar e até mesmo desvendar essa forma artística. A pichação possui um histórico de não aceitação, de marginalização. O termo *pichação*, como detalharemos mais adiante, possui uma conotação negativa, quase infame perante a sociedade. Podemos entendê-la, entretanto, como movimento de cunho artístico, que precisa ser explorado; quem picha pode ter o mesmo potencial para fazer grafite. Ao olhar para um desenho em forma de pichação na parede ou na carteira e não aproveitá-lo, o professor desperdiça as linguagens artísticas ao seu redor. Trabalhar em cima dessas pichações é ampliar a visualidade do aluno para diversas vertentes da arte, saber conhecê-las e respeitá-las.

Pois a partir do momento em que o aluno é instrumentalizado para ler e compreender a arte de hoje, passa a ter uma nova percepção, entendimento e aceitação da mesma. O professor diante da arte contemporânea não tem todas as respostas, mas pode usar uma metodologia em que, por meio de questionamentos, venha a auxiliar o aluno na leitura dessa arte. (HÜBNER, Isolde Elizabeth BARREIROS, Ruth Ceccon.2008)

Em geral os alunos não compreendem que estão produzindo arte. O trabalho do professor é importante como mediador e condutor desse processo. Faz-se necessário assim, que o próprio professor esteja ciente da importância destas produções artísticas, tão primais, mas ao mesmo tempo tão promissoras. Aceitando que esta *pichação*, feita por um aluno da rede pública, em Macapá, pode ser realmente *artística*, e que está inserida no âmbito da *arte contemporânea*, o professor poderá compreender suas dimensões e mostrar a seus alunos novas visões de arte.

I. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A PICHAÇÃO

De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986), grafite é uma “palavra, frase ou desenho, geralmente de caráter jocoso, informativo, contestatório ou obsceno, em muro ou parede de local público; grafito. [Cf., nesta acepç.: pichação]”. Enquanto que pichação em si seria o “ato ou efeito de pichar; pichamento [...] em geral de caráter político, escrito em muro de via pública”. Se estabelece portanto uma diferença entre os dois termos na língua portuguesa. Tendo em mente a influência norte-americana no Brasil, a nossa palavra *grafite* provavelmente deriva do inglês *grafitti*. Curioso notar que este vocábulo do inglês engloba em seu significado tanto o lado negativo do português *pichação* quanto o geralmente positivo *grafite*, tendo apenas o contexto para diferenciá-lo naquela língua; podemos passar por outros exemplos, como a significando “escrever”. Pode-se citar também o vocábulo latino *graphium*, instrumento de ponta dura utilizado para o desenho de *grafites*, que eram inscrições comuns em paredes e muros (FEITOSA, 2002/3, p. 168). *Pichar*, entretanto, parece ser um termo essencialmente brasileiro. No consciente popular, *pichação* guarda uma conotação negativa, enquanto que, em tempos mais recentes, o *grafite* ganhou uma conotação oposta, artística.

O processo de desenhar ou escrever em superfícies da cidade é o elo de ligação entre estes dois significados, *pichação* e *grafite*. São ações derivadas de um mesmo processo. Nesta análise que fazemos, trabalhamos com este processo e suas derivações, como se verá adiante.

Ao lançarmos nosso olhar sobre a História, vemos que a humanidade sempre rabiscou e desenhou no mundo ao seu redor. Aceitando-se que o ato de *pichar* seja uma ocorrência natural da condição humana, como nos fazem imaginar antigos desenhos rupestres ou grafites nas paredes de Pompéia, no Império Romano, devemos supor que seu início se deu praticamente com o início de nossa espécie. Sua existência é por conta da nossa própria. Não é difícil imaginar que *pichar* partes do ambiente que nos rodeia seja uma prática tão antiga quanto nós mesmos. Entretanto aquilo que hoje entendemos como *grafite* é um fenômeno moderno, ligado ao nosso tempo, é *contemporâneo*. As gravações de hoje são diversas e guardam, necessariamente, significados atuais, como os grafites de outros tempos guardaram seus respectivos significados temporais

Muito se discute, por exemplo, sobre os significados dos desenhos feitos em cavernas por homens pré-históricos. Independente dos motivos que os levavam a existir, o que arqueólogos descobrem hoje são provavelmente algumas das primeiras manifestações do longo processo

humano de deixar suas marcas no ambiente que o rodeia. De maneira direta e sem rodeios, as inscrições, pichações ou grafites são parte do mesmo processo de retratar em um primeiro momento contextos e sentimentos, e mais tarde também ideias e pensamentos. Cabe então que também nos perguntemos “[...] o que são os grafites e ainda as pichações? Será a arte rupestre dos dias atuais?” (MENDES et al, 2011).

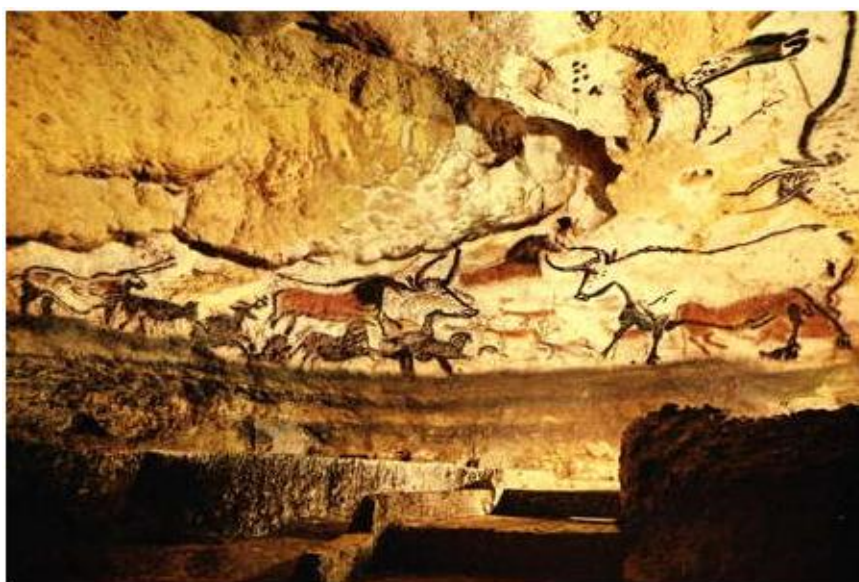


Figura 1: Inscrições rupestres da Caverna Lascaux, França, Juliana Burlamaqui, <http://www.julianaburlamaqui.com.br/blog/lascaux-e-o-nascimento-da-arte-by-cristina-burlamaqui/>

Do ponto de vista histórico, a pichação e o grafite são formas de comunicação que podem ser referenciadas em uma herança da pré-história, quando consideramos as inscrições rupestres que foram gravadas nas cavernas. Contudo, os cenários e as formas para estas inscrições foram mudando conforme o desenvolvimento de novas proposições técnicas e culturais de cada período da história humana. (ROCHA silva, 2013, p. 9)

Um dos exemplos mais bem preservados da cultura popular do grafite pode ser encontrado nas ruínas de Pompéia, cidade do Império Romano localizada perto da moderna Nápoles, Itália. Pompéia foi soterrada por uma erupção do Monte Vesúvio em 79 AEC, que preservou muitas das inscrições pela cidade. De acordo com Lourdes Feitosa (2002/2003) a ação dos grafiteiros em Pompéia “era tão intensa e frequente que mesmo com a atuação dos *dealbatores*, trabalhadores que tinham a finalidade de limpar as paredes, muitas são as inscrições descobertas em escavações”. O soterramento da cidade preservou sua estrutura e seus grafites

nos dando a possibilidade de analisa-los e o que descobrimos foi que há muitas semelhanças entre o grafite de ontem e o de hoje.



Figura 2: Inscrições obscenas em Pompéia

(Pedro Paulo A. Funari, Apotropaic Symbolism At Pompeii: A Reading of the Graffiti Evidence, 1995)

Na imagem acima vemos exemplos de inscrições preservadas na cidade de Pompéia. De caráter obsceno, jocosas e até mesmo grosserias, quase todas fazendo referências vulgares ao ato e órgãos sexuais. A última figura, por exemplo, representa um pênis e está acompanhada da frase *hichabitat felicitas*, “aqui habita a boa sorte”. Guardadas as devidas proporções históricas e linguísticas, estas figuras não se diferem muito das encontradas em banheiros públicos, escolas e tantos outros lugares nos tempos atuais. Chamariamos hoje tais inscrições de *pichações*.

Saltando no tempo e passando para um ponto mais próximo de nós, o Brasil de meados dos anos 1960, jovens e universitários pichavam as paredes como uma forma de repúdio e protesto contra a repressão do regime político vigente; dessa maneira, se rebelavam pichando as paredes das cidades com frases como: “abaixo ditadura”. A repressão era forte, e os jovens se viam no direito de responder ao Estado. Uma das formas que acharam de se contrapor foi com a arte de rua, onde

transeuntes poderiam enxergar a contestação dos movimentos sociais contra a ditadura, que passavam através dos muros.



Figura 3: Memorial da Liberdade e Democracia Presidente João Goulart
<http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=40>

Nos anos 1970, para se identificar e se diferenciar, os jovens deram início a ideia de formar grupos com suas próprias características. Eles se identificavam através das letras, símbolos e marcas. Essas particularidades serviam para que se comunicassem entre outros grupos de pichadores. Diferente do contexto dos jovens da década de 1960, não existia nenhuma conexão com a política e nem com a sociedade, era apenas uma forma de comunicação entre os grupos. Segundo Bueno (1999, p.262), “Ao contrário da década anterior, não tinham intenção política, nem pornográfica. Não dialogavam com a sociedade, eram apenas um sistema de comunicação dos garotos entre eles”.

As metrópoles São Paulo e Rio de Janeiro eram grandes palcos para a arte de rua, e a partir dos anos de 1970 o grafite foi-se alastrando pelo resto do país, fazendo com que os jovens se interagissem de uma forma singular, não tradicional como a televisão, rádios e jornais. Na década de 1980 e 1990 o grafite é altamente influenciado pela cultura norte-americana, com grupos de hip-hop entre outros, nesse momento o grafite foi promovido pelos jovens nos altos dos prédios, monumentos, praças, locais públicos em geral e seguindo o mesmo ideal dos jovens dos anos de 1970, se comunicar através de símbolos, suas próprias marcas e letras para se identificar e se comunicar com seus respectivos grupos.

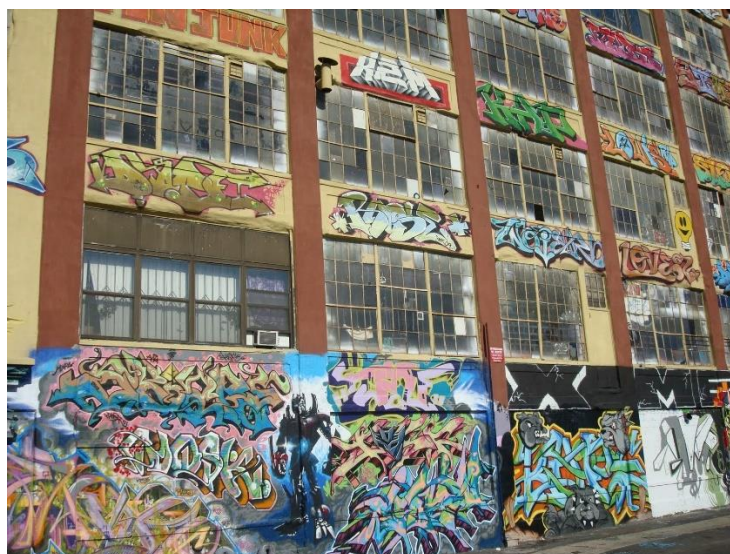


Figura 4: (Grafite dos anos 1970,
http://riotatuado.blogspot.com.br/2013_10_01_archive.html)

O grafite começou a fazer parte da cidade como uma obra de arte, remodelando a paisagem urbana; passou a aparecer em outros meios, como revistas, redes sociais, filmes e moda. A arte de rua está se tornando reconhecida e aceita. Está sendo abraçada pela sociedade, mas o processo ainda está em andamento. Mesmo com desenhos grandes, bem trabalhados ainda é possível encontrar lugares em que grafites foram feitos e apagados assim como aconteceu em São Paulo em setembro de 2014 no túnel José Roberto Melhem, que teve seus grafites apagados para a divulgação de uma festa do curso de Medicina da USP, o mural foi criado durante um festival de direitos humanos em 2013 e teve participação de vários artistas brasileiros como Bonga, Snek, Minhau, Crânio e outros. Após uma reunião entre os alunos do curso de Medicina e a Coordenação de Políticas da Juventude, foi acordado que os alunos pintariam todo o mural para que um novo grafite fosse feito.



Figura 5: Mural apagado por alunos da USP, <https://catracalivre.com.br/sp/muito-mais-sao-paulo/indicacao/mural-apagado-por-alunos-da-usp-sera-grafitado-novamente/>

Podemos observar que mesmo a arte de rua tendo seu espaço na cidade, ela ainda é vista com uma certa desvalorização, onde pode ser apagada por qualquer pessoa e por qualquer motivo. Em muitas mentes ainda não há separação entre a arte feita nas ruas – grafite – e a pichação, tantas vezes associada ao vandalismo e às mazelas das cidades. Por outro lado para muitos ainda há uma absurda separação entre a arte de rua e a arte dos museus, galerias e afins. O grafite se encontra em um limbo: nem sempre é reconhecido como arte e muitas vezes é colocado no mesmo patamar que vandalismo.

A pichação e o grafite carregam consigo símbolos, marcas e significados que geram discussões, estranhamentos. Nos trazem a ideia de que precisamos decifrar os desenhos ou as frases expostas em paredes, o que nem sempre é possível, geralmente apenas o autor entende o significado de sua criação. Ainda assim, ao analisarmos em mais detalhe estas duas manifestações, descobrimos mais sobre nós mesmos; mesmo sem acesso a todos os significados, sabemos que estamos diante de um processo essencialmente humano, que traz consigo todas as suas dificuldades, visualidades e conflitos.

II. CULTURA VISUAL NA ESCOLA

A cultura visual foca nos hábitos, na cultura de um ou vários povos; o nosso tempo é um mundo é marcado por imagens, porém nem todas as imagens são acontecimentos da cultura visual, pois ela não se restringe a propriedade de imagem sendo assim ela busca compreender as diferentes visualidades que se encontra ao seu redor. A escola é um lugar onde se encontra e se descobre várias dessas culturas que precisam, ter um estudo específico para que possamos entender melhor o que os jovens querem passar aos transeuntes.

A Arte Contemporânea pode refletir questões pessoais, culturais, sociais e políticas, ou seja, o nosso cotidiano, com seus conflitos e acertos. As imagens na arte trazem informações, comunicam valores. É preciso aprender a fazer a sua leitura. Daí a necessidade de oportunizar que se discuta no ambiente escolar, essa forma de expressão, a Arte Contemporânea, que está em construção, a fim se inserir e agir nessa nova realidade. (HÜBNER, Isolde Elizabeth, BARREIROS, Ruth Ceccon.Pg.24)

Chamar atenção dos alunos para temas contemporâneos é chama-los para interagir nas aulas de arte, para serem participativos e ativos diante dos assuntos que são, sim, importantes para serem discutidos nos dias de hoje. No processo de debater e aprender, o aluno é exposto a informações atuais em termos de culturas sociais e do dia a dia. Escolhemos a pichação e o grafite como exemplos de ensino contemporâneo pois são comuns nas escolas públicas e são assuntos conhecidos dos alunos, algo que testemunhamos através de nossa própria experiência escolar.

A mudança da arte veio no cubismo, com a mistura de colagens e recortes na tela, com cores bem diferentes e misturadas, desde então a arte abrange vários sentidos, não há limites quando A Arte Contemporânea pode refletir questões pessoais, culturais, sociais e políticas, ou seja, o nosso cotidiano, com seus conflitos e acertos. As imagens na arte trazem informações, comunicam valores. É preciso aprender a fazer a sua leitura. Daí a necessidade de oportunizar que se discuta no ambiente escolar, essa forma de expressão, a Arte Contemporânea, que está em construção, a fim se inserir e agir nessa nova realidade. (HÜBNER, Isolde Elizabeth, BARREIROS, Ruth Ceccon.Pg.17)

É possível que muitos alunos possuam afinidade prévia com os temas pichação e grafite. Mas para o debate na sala de aula, o professor pode, por exemplo, trazer a informação de que a lei nº 12.408 “altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar [...]”, afirmando que “não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário [...]” (BRASIL. Lei Nº 12.408, de 26 de maio de 2011). O ato de pichar, entretanto, continua criminalizado. No ponto onde jurisdição e conceitos como arte e liberdade de expressão se chocam, o professor pode encontrar um terreno fértil para iniciar a reflexão em sala. O ponto de partida pode estar nas diferenças entre grafite e pichação, nas diferentes visões encontradas sobre ambos ou o peso da lei que passou a acolher o primeiro mas pune o segundo.

O ensino da arte contemporânea e a promoção de novos debates e novas visões, entretanto, envolvem todo um corpo docente. Para que o professor possa ter a liberdade de fazer os projetos e aulas com os alunos, a direção deve estar disposta a ajudá-lo. Isto pode ser feito tanto dando liberdade para tal quanto com materiais pedidos ao governo através de licitações, por exemplo, ou ainda apoiando um projeto que envolve os muros da instituição. Neste último caso, a escola fornece seu espaço e estimula os estudantes a criar. Por vezes o artista grafita com algum significado pessoal, outras vezes para passar uma mensagem de interesse geral. Um projeto desta natureza, ao estimular a cultura visual de um grupo de alunos, pode vir a provar-se bastante enriquecedor; pode trazer à tona ideias, pensamentos e ajudar a expressar o que de outra maneira seria relegado ao descaso ou visto com olhar de desaprovação. Um desenho no muro de uma escola pode ter vários desfechos, de acordo com a visualidade de cada um.

Fazer os alunos exporem suas ideias sobre cultura visual mostra o como a aula de artes é capaz de ajudá-los a tomar contato com uma parcela de sua identidade diante da vida e da arte. Ter esse controle do assunto artístico contemporâneo ajuda o professor a ter o domínio dos vários tipos de visualidades que pode ter ao seu redor na sala de aula, vários conceitos artísticos ajudam a construir um projeto interessante tanto para aluno e professor quanto para a própria escola.

Mostrar as novidades da arte contemporânea aos alunos é abrir as mentes dos mesmos para os vários tipos de compreensões sobre a leitura da arte contemporânea diante de projetos e aulas que deem a eles as várias percepções de aprendizagem. Não é necessariamente ensiná-los, é fazer a mediação de assuntos e contextos artísticos atuais e deixar com que tirem suas próprias conclusões artísticas. O professor deve levantar questionamentos sobre as possibilidades de leituras

sobre o ensino da arte contemporânea e aprender junto com os alunos as respostas para esses questionamentos. O professor ajuda os alunos a buscarem suas próprias conclusões de arte.

O grafite levado para a sala de aula cria uma situação diferente da aula de artes, por assim dizer, “clássica”. Inovar neste contexto é, portanto, criar inúmeras novas possibilidades de aprendizado; é ajudar os alunos a serem autênticos, a fazer sua própria arte com conceitos próprios, a explorar suas visualidades. Por outro lado, não podemos dizer que releituras não são importantes, pois ter uma base de pintores famosos ajuda no desenvolvimento do aluno. Mas também podemos destacar e dizer que mais importante ainda é criar seu próprio conceito artístico, saber seus limites diante da arte e buscar sua identidade perante a si mesmo.

A cultura visual analisa os diversos tipos de visualidades que abrangem o meio social, não se limita em apenas mostrar o belo e sim diversas formas de estética, pois o que importa realmente é a mensagem que aquela visão artística quer passar para as demais.

Podemos atestar como a cultura visual do Colégio Amapaense é forte. Com a chegada ao colégio, observamos como a visualidade e a cultura são expostas nas paredes, no elevador e nos banheiros. Com isso passamos a trabalhar com os alunos em busca de respostas para aquelas pichações que são para algumas pessoas apenas rabiscos insignificantes e para outras formas de protesto dos alunos, que querem mostrar que eles estão lá, que eles também têm opinião. No mundo atual é muito fácil ter acesso a *smartphones*, computadores, câmeras portáteis, onde pode-se expor tudo aquilo que você sente em redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, entre muitas outras, e em uma realidade onde tudo isto existe, a pichação ainda se faz presente. Porém, no Colégio Amapaense notamos não haver um trabalho pedagógico, um debate e a as manifestações na forma de pichações continuam mal vistas, mal compreendidas e não exploradas. Trabalhar com a cultura visual da escola na sala de aula pode aos poucos nos ajudar a compreender o modo de vida do aluno que picha a parede até mesmo daquele que não picha, e traz também a valorização das imagens da diversidade de culturas, faz com que se crie discussões, questionamentos e a quebra de estereótipos.

III. COLÉGIO AMAPAENSE COMO EXPERIÊNCIA ESCOLAR E VISUALIDADES

A escola em si possui muitas visualidades, nossa experiência em campo foi o Colégio Amapaense, localizado no centro de Macapá. O CA como é chamado pelos professores e alunos é uma instituição pública, foi fundado em 1947 na capital, então ela foi feita nos padrões estéticos antigos. São 67 anos de uso da escola. Ao chegar no colégio para iniciar o estágio supervisionado I, nos deparamos logo com uma instituição educacional pichada no elevador de acesso para as salas de aula, que por sinal nunca funcionou desde a última reforma de 2002. Tanto os alunos quanto os professores usam o espaço da frente do elevador de mural. E foi esse fato que nos chamou a atenção, de que a própria coordenação o usa como mural colocando cartazes nele, informações sobre o colégio e programações.



Figura 6: Escola estadual colégio amapaense. Sala de artes.

No dia 15 de maio fomos recebidos com olhares de curiosidade dos alunos, porém outros nem perceberam nossa presença, fomos direcionados a coordenação, onde nos receberam com a notícia que não iríamos poder estagiar naquele turno até termos outro ofício com todas as informações pedidas na direção. Nesse mesmo dia só podemos observar superficialmente a escola, mesmo com esse problema voltamos no dia seguinte (16 de maio) falamos novamente com a coordenadora, explicamos que não seria possível fazer outro ofício naquele mesmo dia, com isso

pedimos autorização para andar e observar a escola, e assim fomos. Como chegamos volta das 14 horas podemos ver a entrada dos alunos e ver que eles se concentravam em grupos na varanda da escola onde tem vários bancos.

Depois de duas tentativas de pesquisa pelo turno vespertino resolvemos trocar de turno e retomar a pesquisa pela parte da manhã, e no dia 19 de Maio voltamos ao colégio. Onde obtivemos sucesso de aceitação tanta pela parte administrativa quanto pelos professores de artes, assim então continuamos a pesquisar a escola e sempre buscando meios de como levar para sala de aula um assunto tão esquecido nas aulas de artes que é a pichação. Conversamos com 3 professores de artes do colégio e apenas um aceitou nosso estágio nas aulas dele.



Figura7. Alunos desenvolvendo o trabalho com stencil. Colégio amapaense.

A escola tem três andares e o térreo, cada andar tem um banheiro e um bebedouro, parte dos alunos se concentra no parapeito dos corredores entre a troca dos turnos, um refeitório e três lanchonetes, duas quadras, sendo que uma é ao ar livre, as salas administrativas (direção, secretaria, etc.), xerox e um elevador que não funciona. Tivemos a delicadeza de observar o fato de que a própria coordenação usa o elevador como mural colocando todos os cartazes e informativos do colégio por que o próprio mural da escola se localiza onde os alunos não circulam muito. Os outros andares são totalmente pichados com nomes de pessoas, números de telefones, pornografia, etc. Até os corredores das escadas estreitas também são pichados assim como as poucas janelas de vidro deste corredor. Seria essa uma forma de repúdio, rebeldia e ou a intenção de falar “Ei, estou aqui, eu existo?”. O que remete a um refrão de da banda O Rappa; O que esses muros pichados querem

me dizer? Dentre todos esses espaços haviam lugares gradeados para que os alunos não pudessem ter acesso onde ficavam materiais, livros, carteiras e outros materiais utilizáveis ou não, possui também um “bicicletário” todo pichado e que os alunos pouco utilizam para a sua verdadeira função de fato. Segundo João Batista Martins (2011), em seu artigo sobre a pichação na escola e a construção da identidade juvenil, o mesmo diz que as pichações são como marcas deixadas pelos alunos para se comunicarem uns com os outros. No colégio amapaense observamos muito bem essa comunicação entre eles, seja através de palavras, desenhos, citando os nomes e até mesmo frases de amor. Como diz a frase deste artigo de João Martins (2011) “As paredes exibem gritos silenciosos”. E foi esse motivo que nos fez abordar o tema pichação. Desde quando chegamos no colégio essas paredes, cadeiras, janelas estavam ali pedindo para serem questionadas e levadas para a aula de artes. Escolhemos então o assunto pichação/grafite/*stencil* para abordarmos dentro da sala de aula em nossa segunda etapa do estágio supervisionado. Mas como diz João Martins (2011) “as paredes são silenciosas”, e só pode entendê-las e ouvi-las se olhar para elas. Foi essa base que utilizamos para iniciar nosso plano de aula. A teoria vem às vezes das paredes, o conteúdo está todo lá basta abrir a mente e fazer a ligação dessas pichações com os alunos.



Figura 8. Elevador do colégio amapaense totalmente pichado

A nossa experiência na sala de aula teve como objetivo geral levar a pichação para a sala de aula e vimos como o *stencil* essa forma de interagir a dinâmica através da oficina de *stencil* para que eles possam fazer suas próprias obras, mudando a visão sobre apenas reproduzir releituras. Vale lembrar que diferença entre grafite e pichação: “A grafite é uma arte que utiliza de expressões

artísticas no contexto urbano. São marcas espalhadas pelos muros, fachadas de casas e que assumem várias matizes: políticas, estéticas, protestos, etc. Pichação, por sua vez, não tem necessariamente um caráter estético” (MARTINS, João).



Figura 9. Alunos reproduzindo o stencil no muro. Colégio amapaense.

Na primeira aula começamos com o vídeo do grafiteiro Banksy, que passa um resumo da história de grafite e *stencil*, pedimos para os alunos trazerem desenhos ou frases para utilizar como *stencil*, distribuimos pequenos resumos do eu viria a ser essa forma de grafite e um breve resumo de sua história em slide com imagens ilustrativas. Na segunda aula iniciamos a oficina de *stencil*, distribuimos o material para a turma para facilitar o desenvolver do trabalho, mostramos a eles como se faz o *stencil* e eles atenciosamente prestaram atenção nas explicações. Inicialmente nossa ideia era reproduzir as imagens dos alunos no muro do colégio, conversamos com a coordenadora do turno e ela não permitiu. Em uma conversa informal com o professor de artes do colégio amapaense que nos orientou no estágio, falamos o que tinha acontecido sobre utilizar os muros do colégio, ele então por sua livre e espontânea vontade nos ajudou conversando diretamente com a diretora da instituição, que por fim nos permitiu utilizar o muro para que os alunos pudessem reproduzir o *stencil*.

Os alunos desenvolveram a atividade com sucesso, ouvimos elogios tanto da parte deles quanto do professor de artes responsável pela turma. Coisas do tipo “nunca tínhamos feito algo assim” ou “quem dera se pudesse grafitar a escola toda, seria bem melhor do que esses corredores escuros” escutamos dos alunos em uma conversa paralela. Nas perguntas que fizemos a eles uma delas foi se os mesmos já tinham pichado o colégio, todos eles desconfiaram da pergunta, disfarçaram mas não responderam, pois estava claro que já tinham pichado sim e com medo ou até

receio de denúncias eles não falaram nada. Expressar o amor, o ódio, fazer declarações sobre vida, mostrar o colorido faz falta aos alunos do colégio amapaense, eles ficam restritos a certos tipos de atividades como esta que realizamos. Um fato curioso foi uma professora de artes ter chegado na hora que os alunos iam começar a produzir o trabalho no muro e ter falado e se expressado de forma negativa ao que eles estavam fazendo. A cultura visual no colégio se limita dentro da sala de aula, levar outros rumos para a prática artística dos alunos pode não ser bem vista para os outros professores. Esse “choque” social é mais comum do que podemos imaginar, essa experiência nos serviu como base de estudo de como ajuda os alunos a encontrem sua identidade e como mostrar aos professores mais tradicionais que é possível ouvir os gritos de uma parede pichada.

Em Goiás no município de Trindade, uma escola pública foi destaque nos jornais pelos seus alunos que trocaram pichação por grafite nos muros na instituição. Foi um projeto criado pela direção do colégio para transformar a pichação no prédio velho em grafite com desenhos feitos pelos próprios alunos.

“O prédio da nossa escola é antigo e estava sujo” “Como os alunos pichavam o muro que cerca o quarteirão, aproveitamos a criatividade deles porque os mesmos alunos que picham também sabem desenhar.” (Wannessa Cardoso Silva. Diretora da escola. Estudantes trocam grafite por pichação em Goiás. Disponível em: www.portal.mec.gov.br)

Essa matéria foi publicada no portal do MEC dia 24 de janeiro em 2012 pela jornalista Rovênia Amorim. Acreditamos apropriado citar esta pauta pois dá para se comparar com a nossa experiência com esse projeto que foi realizado nessa escola da periferia. A ideia partiu da direção da escola e todos ajudaram e apoiaram, não houve restrições segundo a matéria da jornalista. Em nossa experiência escolar tivemos alguns problemas que já foram citados acima que quase nos impediu de realizar o trabalho com a forma de grafite. Mas com a ajuda da diretora e do professor de artes do colégio finalizamos o projeto do *stencil* nos muros com os alunos como queríamos e abrimos a porta para a realização de um projeto maior no colégio como esse em Trindade-GO que citamos.



Figura 10. Faixada do Colégio Amapaense.

É importante questionar os apoios que devem existir com a diretoria da escola. Como diz um velho ditado popular brasileiro “Quando mais remador no barco, mais chegamos aonde queremos”. Aulas com esse tipo de didática valorizam a escola, os professores e os alunos e principalmente ajuda socialmente abrangendo a arte e suas diversas visualidades do ponto de vista de cada pessoa. A forma que os alunos acharam para se comunicar entre si através de pichações dentro da escola defere a questão do espaço público, levanta questões do tipo se é público não tem problema pichar, falamos disso pois ouvimos várias coisas desse tipo dos alunos, como um que nos disse: “o tédio da aula tradicional enjoa” se referindo as aulas de artes. O que nos preocupamos nessas conversas paralelas foi em saber qual a visualidade dos alunos, a percepção que eles tinham da escola esteticamente e das aulas de artes. Nessa aula que demos no estágio supervisionado II nos fez ver como eles precisam de suas identidades, digo pois muitos ali escolheram desenhos como *batman*, gatinhos, e nenhum quis fazer seu próprio desenho, os mesmos falavam que não sabiam, ou não tinham segurança suficiente. Essa segurança que é essencial o aluno ter pois ajudam eles tanto no convívio da escola como socialmente falando.

A posição em que o professor se encontra, como se pode ver, não é um lugar fácil de sustentar, pois nele estão depositadas projeções alheias a ele enquanto pessoa. O professor ignora sobre esse lugar que lhe é outorgado pelo aluno, pois é o desejo inconsciente desse aluno que está determinando o lugar a ele conferido. (NUNES, Marcia Regina Mendes. Texto I. Psicanálise e educação: pensando a relação professor-aluno a partir do conceito de transferência)

A segurança que falamos é essa oportunidade que o professor deve dar ao aluno de expor suas opiniões. É da natureza do professor está na posição de quem manda na sala de aula, e pelo o

que percebemos nas observações como estagiária, de um trabalho que o professor de artes desenvolveu na sala, o professor em nenhum momento pediu a opinião dos alunos sobre o trabalho, apenas disse para pesquisar a biografia do artista e depois reproduzir as obras em uma garrafa de vidro, ou seja, releituras do artística escolhido. Acreditamos que por esse tipo de oficina que não deixa de ser proveitoso porém faz com que os alunos criem vícios das releituras. Então acabam tendo a insegurança de fazer algo da autoria deles. Percebemos essa fraqueza dos alunos mas mesmo com desenhos já imprimidos e conhecidos eles reproduziram nos muros. Depois da oficina deixamos bem claro a importância das obras feitas por eles mesmos, criação deles. Os alunos entretanto olharam com desconfiança, até alguns deles disseram que não sabiam desenhar e tinham medo de deixar o muro feio. O assunto estética é levantado por eles, porque já criaram na cabeça dos alunos essas teorias.

João Batista Martins (2011) fala em seu artigo de pichação juvenil que muitas dessas pichações são experiências vivenciadas pelos alunos no dia a dia deles e na fase que eles estão passando. Isso as vezes pode ajudar muito a direção do colégio se esse jovem for problemático por exemplo, a comunicação é a solução para muitos problemas vivenciados por esses alunos. Nesse mesmo artigo de João Martins, ele destaca que a maioria dessas pichações se baseiam em fatos sexuais, por conta dessa mudança de fase que os adolescentes estão passando. Nem com toda essa tecnologia que temos nessa nova era fez com que a prática de se comunicar através de pichações nas paredes dos colégios parassem.

No colégio amapaense essa experiência em aula nos foi bastante produtiva, descobrimos que sempre haverá dificuldades em tudo aquilo que for novo em uma escola tradicional, que o apoio da direção é essencial para esse tipo de projeto/oficina, e principalmente tivemos a oportunidade de ver o lado dos alunos nessa história toda, que quem é essa garganta das paredes, cadeiras e o elevador são eles. Foi uma experiência gratificante poder ouvir as pichações e levar para a sala de aula, pois assim podemos transformar em uma forma de grafiteagem, mesmo os alunos ainda tímidos conseguimos pelo menos abrir uma brecha desse projeto tão produtivo que foi para todos os lados.

Cabe à disciplina de Artes Visuais dar conta, como qualquer outra disciplina, no que lhe compete em suas especificidades, da formação cidadã, para a qual o seu ensino e aprendizagem concorrem a partir da ampliação dos cenários de produções artísticas e estéticas abrangendo, portanto, o vasto leque da diversidade cultural universal (VICTORIO FILHO, Aldo. Pg.11: Educação e Arte)

A pichação juvenil se retrata bastante da fase que o adolescente está passando, como descobertas, amores, conflitos sociais. Muitas das vezes esses conflitos com eles mesmos acabam limitando suas diversidades culturais. A disciplina de artes visuais trata de formar esses adolescentes para a socialização uns com os outros. Segundo Aldo Victorino em seu texto sobre o ensino da arte hoje em dia, ele explica que a disciplina dar um leque de opções para o jovem, é a questão da diversidade cultural, o jovem acaba aprendendo que existem várias outras culturas sem ser a que ele vive. O cotidiano de um jovem pode ser explorado na cultura visual no colégio, pois fortalece ainda mais a arte contemporânea. A pichação sendo explorada e problematizada nas escolas, pode vir a ajudar tanto o adolescente socialmente como dentro do colégio. A imaginação de um jovem sendo ampla vem a ajudar para surgir novas culturas visuais, e com isso a arte ganha novos contrastes de visibilidade.

Os jovens aos quais aludimos são os que inventam as condições de suas existências e, por meio de suas realizações rebeldes, operam na tática certonianana. Esses meninos e meninas mostram nas suas práticas cotidianas, assim como muitas manifestações tradicionais das artes populares também o fazem, que é possível dinamizar a existência via a estética das sobras, no aproveitamento e ressignificação do que a cidade dispensa: dos objetos materiais aos valores, afetos histórias e memórias. (VICTORIO FILHO, Aldo. ENSINO DA ARTE HOJE: DESAFIOS, SENTIDOS E SINTONIAS-UERJ. GE-01: Educação e Arte)

Aldo Victorino (2009) deixa claro que esses jovens que ele menciona no texto são aqueles que querem mostrar para a sociedade que eles existem, que estão ali querendo algo e acabam sendo rebeldes com suas palavras e atitudes. Essas manifestações podem ser mais destacadas em algumas situações, é bem antiga desde guerras e ditaduras. O jovem querem mostrar seu cotidiano mesmo que o mesmo não ache interessante. Falamos de tecnologia em uma pequena parte do texto, essa tecnologia está presente entre os adolescentes na escola, o vício de contar sobre sua vida na internet é uma dessas manifestações cotidianas que Aldo Victorino (2009) se refere. Na arte essas manifestações estão presentes na escola constantemente, da experiência extra curricular eu tivemos dentro da sala nos mostrou isso em forma dessas pichações, tivemos a ideia de levar a grafite para dentro da sala para que os alunos pudessem mostrar suas diversidades, técnicas e ter auto confiança para iniciar trabalhos escolares artísticos.

No CA ouvimos bastante a palavra “parceria” entre os alunos. Aldo (2009) em seu texto culturas juvenis, cotidianos e currículos, cita uma foto de uns adolescentes sentados em um muro totalmente pichado fazendo gestos iguais, o autor destaca a fotografia pela camaradagem dos meninos, que em apenas uma imagem mostra a amizade que existem entre eles. Na arte de rua e na escola não é muito diferente, as reflexões que nós como futuras professoras tiramos desse tipo de fotografia se baseia no cotidiano nesta fase que esses adolescentes estão passando, que são produtivas no meio artístico e social. Em nossa experiência escolar, os alunos se ajudavam entre si, quando algum errava o outro prontamente vinha ajuda-lo. Isso na arte se torna importante, pois a parceria que existe na escola reflete em um bom desempenho cultural na sociedade.

As pichações seriam um meio de rebeldia diante da sociedade, um tipo de fuga para esses alunos se sentirem acolhidos por pessoas que passam pelo mesmo cotidiano deles. O autor Aldo Victorino (2009), frisa no texto Culturas juvenis, cotidianos e currículos que as escolas públicas do ensino médio não são valorizadas adequadamente, e por esse motivo acaba refletindo nos alunos. Seria uma forma dos alunos de dizem “estou aqui, essa é a minha marca”. O colégio amapaense é uma instituição pública então tivemos essa experiência escolar. As conversas com alunos nos fizeram escolher o tema desta monografia, esse receio que eles possuem em começar uma obra, do vício em releituras, das pichações nos locais da escola, e da maneira que eles gostam e acharam interessante a nossa aula sobre *stencil*, nos mostrou o quão é produtivo trabalhar junto com os alunos. De dar importância as suas visualidades do cotidiano, mostra-lhes a sua identidade como cidadão perante a escola e a sociedade.

CONCLUSÃO

Finalizamos esta monografia com a produtividade que queríamos desde a escolha do tema a ser defendido até da aula que demos no colégio amapaense levando a pichação/grafite/*stencil* respectivamente como assuntos a serem questionados na sala. Os capítulos foram separados em três, falamos desde a história da pichação e suas origens, até chegar no grafite. Da cultura visual na escola pública e suas contemporaneidades e concluímos com a nossa experiência escolar no colégio público amapaense usando como referência autores que tiveram o trabalho em campo dentro da escola assim como nós tivemos.

A sensação de estar dentro da sala de aula, ensinar aos alunos o que eles ainda desconhecem e mostrar que sim eles podem ter voz nas aulas de maneira produtiva foi gratificante, saber a realidade de uma escola pública, esbarrar em dificuldades também nos deu mais força de vontade para concluir nosso objetivo que era fazer o aluno encontrar sua identidade na escola através da arte nos muros.

O cotidiano nos retratou bastante sobre essas pichações, as fases que até pouco tempo passamos, a sensação de pichar e se declarar pra alguém através de paredes, mostrar sua marca para as pessoas que passam por ali e olhar seu nome, mesmo que nem olhem mas o nome do aluno está lá, junto com a turma. Isso mostra quem ele é? Mostra sua personalidade? Muitas vezes sim! Uma pichação é um start para desenvolver vários projetos incluindo os alunos neles, como o de Trindade-GO que citamos no terceiro capítulo.

Nossas observações do cotidiano ao longo dos últimos anos, têm nos indicado que os alunos vão para a escola em função do processo de socialização que ela possibilita, os alunos entendem o espaço escolar como um lugar para encontros, caracterizando o estar na escola muito mais como um processo de sociabilidade do que um processo de escolarização (MARTINS, Schmit. Pg. 203 - 2003).

Se socializar é um dos grandes problemas que encontramos nessa experiência em campo no CA, os alunos só foram se soltar e conversar depois que levantamos questões sobre o que eles achavam do colégio e da aula de artes. Escolhemos a cultura visual do *stencil* como meio de mostrar aos alunos que é possível se expressar de maneira artística nos muros do seu colégio.

Estamos vivendo profundas transformações que afetam cada vez mais a maneira como concebemos e articulamos nossa relação com o mundo (RAIMUNDO, Martins. Texto 2. P. 14)

As transformações que o mundo adquire a cada dia interferem na maneira de pensar e entender de algumas pessoas. A pichação na escola é antiga, desse modo com o desenvolver do mundo acontecem mudanças que ajudam o corpo administrativo da escola olhar com mais delicadeza para esse ato de rabiscar. De alguma forma possam construir projetos que ajudem a escola e os alunos em prol do convívio das visualidades artísticas na instituição onde os adolescentes passam o maior tempo. O ambiente escolar é muito importante e se está rabiscado é por que querem falar algo, mesmo que as vezes seja sem motivo mas como os alunos mesmos disseram “ninguém liga se a gente pichar”. Algumas dessas frases que ao decorrer da monografia citamos os alunos não nos deixaram gravar, pelo medo que tanto eles têm de denunciarem eles por pichações ou por citarem nomes de outros colegas que picham. Entretanto tivemos algumas conclusões dos impactos da cultural visual apenas por estas frases dos alunos. Eles picham por que acham que ninguém vai ligar, picham pelo simples fato de querer aparecer para os colegas, e o fato principal, picham para deixar sua marca. Concluindo esses fatos que tiramos pelas entrevistas, observações e experiências de convívio com eles por quase 7 meses. Demos essa proposta de usar o *stencil* como uma forma de expressão, de se auto conhecer nesses muros que eles tanto rabiscam. Mesmo que os alunos ainda com medo de fazerem seus próprios desenhos mas acreditamos que só pelo fato deles aceitarem nossa aula, mesmo sem ter nenhuma experiência desse tipo. Deles aceitarem essa ideia, já é uma iniciativa que pode ajuda-los a transformar a pichação em grafite e suas diversas formas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei Nº 12.408, de 26 de maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Brasília, 2011. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm> Acesso em: 19 de dezembro de 2014.

BUENO, Maria Lúcia. Artes Plásticas no Século XX. Modernidade e Globalização. Campinas: Unicamp, 1999.

Estudantes trocam grafite por pichação em Goiás. Disponível em: www.portal.mec.gov.br

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. P.1838

FEITOSA, M. G. C. Lourdes. Cultura popular: as inscrições amorosas da Pompéia Romana, UNICAMP, Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE), v. 15/16, n. 15/16, 2002/2003.

FUNARI, Abreu Pedro Paulo. Apostrofaic Symbolism At Pompee: A Reading Of The Graffiti Evidence, History Department — Unicamp, p. 14, 1995.

HÜBNER, Isolde Elizabeth; BARREIROS, Ruth Ceccon. O Ensino da Arte Contemporânea na Escola. Disponível em :www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/ Acesso em 02 de dezembro de 2014.

MARTINS, Schmit. A pichação na escola e a construção da identidade juvenil, 2003.

MENDES, Bastos Aline et al. Das Feições às Intenções - Uma Primeira Análise da Arte Rupestre, 2011.

Mural apagado por alunos da USP Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/sp/muito-mais-sao-paulo/indicacao/mural-apagado-por-alunos-da-usp-sera-grafitado-novamente/>> Acessado em 18 de dezembro de 2014.

NUNES, Márcia Regina Mendes. Texto I. Psicanálise e educação: pensando a relação professor-aluno a partir do conceito de transferência.

PENNACHIN, Lopes Deborah. Signos Subversivos: Das Significações De Grafite e pichação; Metrôpoles contemporâneas como miríades sígnicas. UFMG, 2003

RAIMUNDO, Martins. Cultura Visual e escola. imagem, identidade e escola, texto2

ROCHA SILVA, José Marcos. Grafite e Pichação: Do Caos Visual à Estética Urbana, 2003.

SOUTO, Pimentel Léo. Grafite/Pichação: uma arqueologia filosófica da Imaginação gráfica nas passarelas subterrâneas.

VICTORIO FILHO, Aldo. ENSINO DA ARTE HOJE: DESAFIOS, SENTIDOS E SINTONIAS-UERJ. GE-01: Educação e Arte